

3 1761 07041760 5

PQ  
9261  
C3N3









Camillo Castello Branco

---

NAS

# TREVAS

*Sonetos sentimentaes e humoristicos*



LISBOA

LIVRARIA EDITORA, TAVARES CARDOSO & IRMÃO

6, LARGO DO CAMÕES, 6

1890



---

NAS TREVAS

---





Camillo Castello Branco

---

NAS

# TREVAS

*Sonetos sentimentaes e humoristicos*



LISBOA

—  
LIVRARIA EDITORA, TAVARES CARDOSO & IRMÃO

6, LARGO DO CAMÕES, 6

—  
1890

PQ  
9261  
C3N3



---

Typ. Christovão — 60, Rua de S. Paulo, 62

*Á memoria immaculada do Conde de S. Salvador de Matto-  
sinhos, consagra o author estas derradeiras pulsações da  
sua vida litteraria.*





## Nota Illustrativa

---

No soneto XVI d'esta collecção, dirigido ao sr. conselheiro e ministro d'estado honorario Thomaz Ribeiro, a posteridade, louvando o character honesto d'este funcionario, invectiva indirectamente a probidade de muitos contemporaneos d'aquelle honrado secretario d'estado. Os versos dignos de reparo são estes:

«Dirão de ti as porvindouras eras :

«Ministro pobre em Portugal! . . . Chimeras!

«Ou viveu farto, ou nunca foi ministro. . . .»

Eu já respondi á posteridade injusta nas

paginas d'um livro provavelmente esquecido: «*Maria da Fonte*:»

«O bispo de Vizeu, algumas vezes ministro, quando estava no poder, cedia os rendimentos da mitra e não podia sustentar dois sobrinhos em Coimbra por falta de meios; e por sua morte, o espolio da guarda-roupa prelaticia eram dois pares de calças, umas muito no fio, outras com fundilhos. Antonio Rodrigues Sampaio um luctador de meio seculo, legou á sua familia um miseravel monte-pio. O conde de Thomar estava pouco menos de pobre quando o conde de Ferreira lhe legou cem contos. E a alma immaculada do gentilissimo duque de Loulé? E o austero duque d'Avila encouraçado de commendas e cruses para que o demonio dos maus pensamentos lhe não penetrasse no peito? E Rodrigo da Fonseca, rival de Passos Manuel no desinteresse? E Fontes



Pereira de Mello, invulneravel em pontos de honra, como Anselmo Braamcamp? Antonio de Serpa, Mendes Leal e Andrade Corvo, quando deixaram de ser ministros iam ganhar a sua vida no jornalismo e no magisterio, e saldar com esses mesquinhos salarios as suas dividas contrahidas no poder. E Lobo d'Avila, um destro gymnasta do talento que se tem dado por bem pago com a benemerita reputação de muito esperto? E Latino Coelho? um ministro que, em materia de ladroagem, só correu eminente risco de ser roubado nos diamantes do seu estylo, se se demorasse no gabinete a ler e a subscrever portarias bordalengas? E o lovelaciano Barjona, grande salteador de corações incautos e mais nada? Não se viu Thomaz Ribeiro, quando largou segunda vez a pasta, abrir escriptorio de advogado? E Lopo Vaz, que tem sahido do governo mais illibado e

menos martyr do que sahiu do governo da India outro Lopo Vaz, seu problematico avô? Pinheiro Chagas escreve correspondencias para o Brasil e artigos avulsos nos jornaes litterarios afim de conservar a velha freguezia dos seus admiradores. José Luciano de Castro acinge-se ás restricções de uma austera parcimonia, para educar os filhos com o seu patrimonio. Ao Conde de Casal Ribeiro perguntem-lhe por metade dos seus haveres!

\*  
\*   \*

Outro soneto que remetti ao meu amigo Thomaz Ribeiro era acompanhado de algumas quadras significativas da conformidade com que eu me recolhi ás minhas trevas como d'antes ao meu gabinete de trabalho cheio de luz.

A imprensa jornalistica, transcrevendo

essas singelas coplas, revelou, de par com o sentimento da commiserção, uma especie de contentamento pela ressurreição da minha alma n'este mundo escuro em que a saudade da luz faz o milagre de me representar por momentos as coisas tragicas e as riso-nhas da minha vida passada.

Aqui estão as quadras que eu não posso estremar dos outros versos meditados na minha longa e já agora perpetua escuridade.

## A Thomáz Ribeiro

Se cá vens jantar, meu anjo!  
 Dou-te o esplendido soneto,  
 Que n'esta data remetto,  
 E talvez te faça arranjo.

Uma prenda caprichosa  
 Dá-se em mim e não t'a nego:  
 É que depois que estou cego,  
 Já não sei fallar em prosa.

Tem delicias esta cruz  
 Feita de pranto e poesia!  
 Ah! que estranha anomalia...  
 Quanto mais trevas mais luz!

Homero, Milton, Castilho,  
 Portentos d'inspiração,  
 Acharam na escuridão  
 Sóes d'eterno e immenso brilho.

Poetas epicos d'Iliadas  
 Temos duzias; mas eu colho  
 Que tinha apenas um olho  
 O que escreveu os *Luziadas*.

Quando regressou da Persia,  
 Um perfeito proletario!  
 Touxe um olho solitario  
 Sempre a chorar por Natercia.

Tivesse elle olhos normaes,  
 Com algumas Inscriptões,  
 Faria chilras canções  
 Sonetos e madrigaes.

Assentemos sem refolhos  
 Que não seria o cantor  
 Do feroz Adamastor  
 Se possuisse os dois olhos.

---

Por que Deus, quando escurece  
A luz brilhante de fóra,  
Faz repontar nova aurora  
Dentro d'alma que amanhece.

Seja pois abençoada  
A Providencia divina  
Que apagando-me a retina  
Me fez da treva, alvorada!

Se eu tiver um cenotaphio.  
Em que caibam tres palavras,  
A ti te rogo que as abras  
Com este humilde epitaphio :

«Venceu emfim as procellas  
«E o pavor da escuridade!  
«Dai-lhe a vossa claridade,  
«Ó lucilantes estrellas!

O soneto relativo ao sr. Oliveira Martins não carece de prosa que o desculpe. Este eminente escriptor e fecundissimo talento sabe, ha muitos annos, quanto eu admiro as suas aptidões litterarias e virtudes civicas.

Esses versos foram ditados no dia em que se esperava a nomeação de S. Ex.<sup>a</sup> para os conselhos da corôa, onde o discreto publicista não quiz subir, para não descer.

A flecha da satyra pode alvejar certos homens porem não os fere. A couraça do talento, retemperada pela honra, é impenetravel.

\*  
\* \* \*

O soneto *Te-Deum Laudamus* d'esta collecção necessita de esclarecimentos que me absolvam da culpa da maledicencia. Eu não tive em vista satyrisar nem sequer ligeiramente melindrar o cavalheiro protogonista d'esse inoffensivo poemeto.

Destinei enviar a um jornalista eminente o soneto com uma carta que lhe tirasse as asperesas da mordacidade. Não sei que motivo se deu para que as rimas ficassem até



agora ineditas. Isso não impede que os versos e a prosa sejam publicados. Dizia assim a carta:

«Considero com respeitosa admiração as faculdades civicas e os talentos do sr. conselheiro Marianno de Carvalho. Ha-de haver 15 annos que Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos m'o assignalou como o mais esperançoso luctador da arena politica.

«Li muitos dos seus artigos humoristicos onde achei confirmado o vaticinio do grande mestre da polemica e da critica.

«Congratulei-me com os amigos de S. Ex.<sup>a</sup> quando, ha poucos dias, uma eventualidade auspiciosa o salvou do desastre d'um descarrillamento na via ferrea d'Hespanha.

«Assisti espiritualmente ás missas que se resaram em acção de graças por esse motivo. V. Ex.<sup>a</sup> sabe que no amago das coisas mais serias e graves ha sempre um sedi-

mento comico, o qual, bem esgaravatado, apparece. Este meu soneto, é o sedimento metrificado em rimas ordinarias e pouco felizes. Eu me persuado que o alto espirito do sr. Marianno de Carvalho se riu das taes missas, primeiramente que eu. Essa luminosa pratica do Catholicismo, que investe Nosso Senhor Jesus Christo da qualidade, pouco divina, de fiscal e arbitro dos desastres em caminhos de ferro, figura-se-me um contra-senso prehistorico a todas as religiões conhecidas. Seria para mim um gremem de revolta e descrença na suprema justiça, saber eu que o sr. conselheiro Marianno de Carvalho saiu do descarrillamento illeso de perigo, sem uma ligeira escoriação na sua epiderme, tendo-me succedido ha 9 annos sahir d'igual desastre com a cabeça oito vezes fendida. Não me posso convencer de que Sua Divina Magestade revellasse tamanha ausencia de

imparcialidade, como architecto supremo que dirige as cousas do Universo, e principalmente as que em Portugal respeitam ao sr. Marianno de Carvalho e a mim, quando viajamos. Seja como fôr, desejo ardentemente que o sr. conselheiro, dando-me a honra de ler este soneto, haja por bem de o applaudir com um sorriso.»

\*  
\*   \*

O Soneto: *Logica de ferro*, foi enviado com a seguinte carta a um jornal que o regeitou como inconveniente e desorganizador do systema de convenções methodicas em que todos estamos mais ou menos illaqueados.

«Mande publicar o soneto que lhe envio, senão fôr hostil ás suas opiniões theologicas, em tal assumpto. Eu por mim, pendo a fa-

vor do Patriarcha, padre catholico, na linha recta dos seus deveres, entre os SS. PP. e os concilios. Aquelles que invectivam o Cardeal, e ao mesmo tempo promovem suffragios por alma d'El-Rei, não digo sejam hypocritas; mas aproveitam a methaphysica do catholicismo para alardearem um espalhafato de piedade.

«O padre catholico opéra convicto e por consequencia correcto. Os outros servem-se da religião theatralmente. Como quer que seja, eu me persuado que El-Rei D. Luiz I está serenamente recostado no seu leito de marmore no Pantheon de S. Vicente de Fora; e quem se lembrar da bondade da sua alma, no transcurso de 28 annos de prospero reinado, presta á sua memoria a mais sagrada homenagem com que os vivos podem suffragar os mortos.»

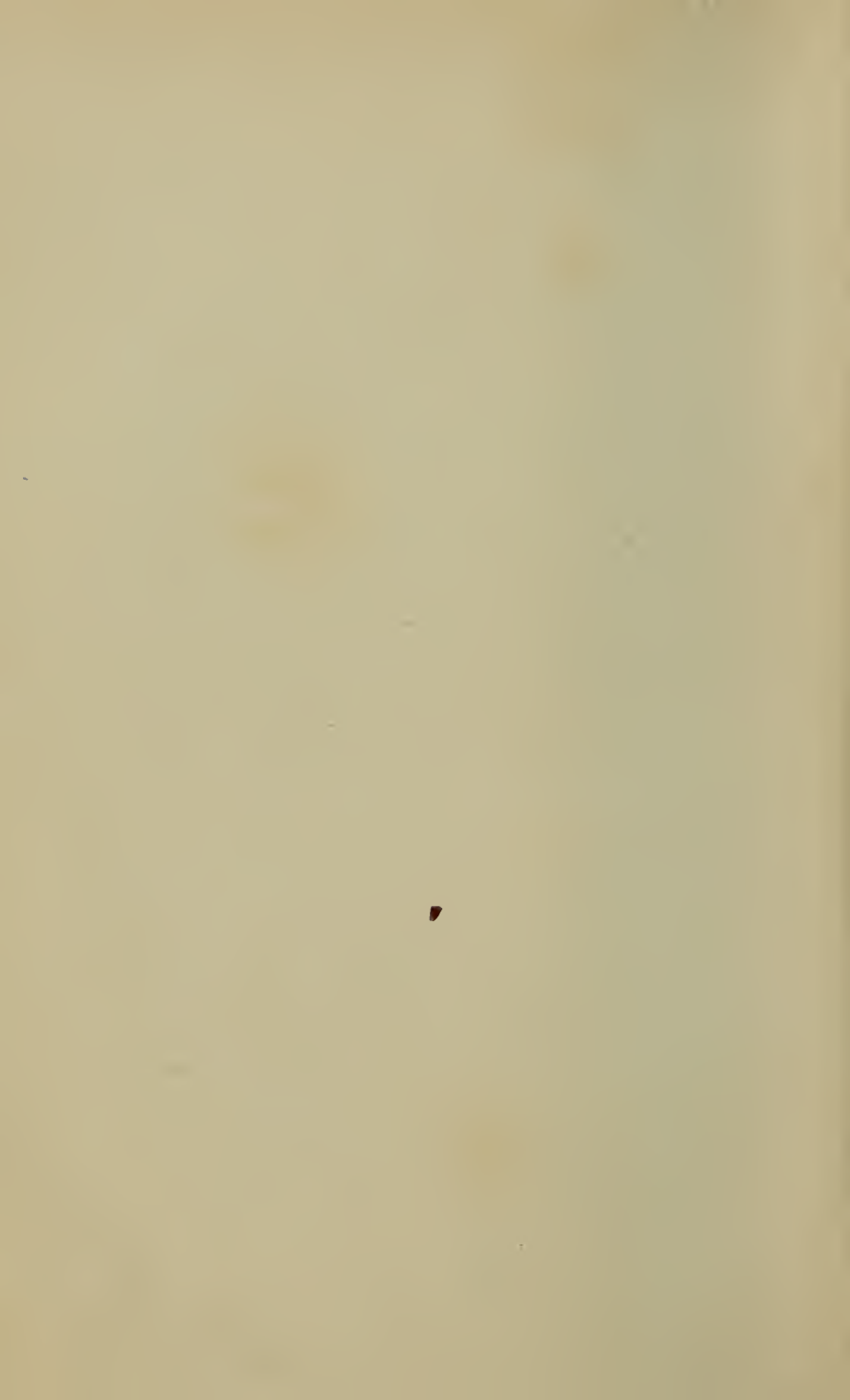
---

---

SENTIMENTO

---

---





## I

## O Conde de S. Salvàdor de Mattosinhos

O conde entrou no albergue arruinado  
De S. Miguel de Seide. Era anciosa  
A vida que eu vivia tormentosa,  
Á cegueira fatal já condemnado.

Eu vi-lhe o coração bondoso e honrado  
Na face ingenua e triste e maviosa;  
Pulsava n'elle a nota dolorosa  
Do estranho soffrimento recatado.

Chorava ao despedir-se. Era a tristeza  
De me deixar na formidavel presa  
Da treva, em quanto a morte a não dissolve.

Partiu chorando. E nunca mais nos vimos.  
Mortos! Ao mesmo tempo, ambos cahimos  
Na eterna escuridão que nos envolve.



## II

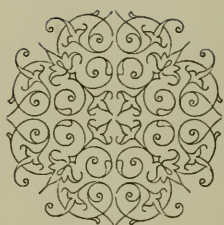
## Visconde de Benalcáñor

Já morto! Dilacera-me a saudade.  
Não tenho mais ninguém d'aquelles dias  
De ephemeras, vibrantes alegrias,  
Que me illumine a escura mocidade.

Que ridente e subtil jovialidade!  
Que brilhantes hyperboles fázias,  
Com graça encantadora, quando rias  
Dos sérios carnavaes da sociedade!

A dor de envelhecer não a venceste;  
Pois que do coração sempre viveste,  
Matou-te finalmente o coração.

Vencido luctador, meu pobre amigo,  
Desde hontem que tu dormes no jazigo  
O sinistro dormir da podridão.



## III

## A maior dor humana

(Na morte quasi simultanea dos dois filhos unicos de Theophilo Braga)

Que immensas agonias se formaram  
Sob os olhos de Deus! Sinistra hora  
Em que o homem surgiu! Que negra aurora;  
Que amargas condições o escravizaram!

As mãos, que um filho amado amortalharam,  
Erguidas buscam Deus. A Fé implora...  
E o ceu que respondeu? As mãos baixaram  
Para abraçar a filha morta agora.

Depois, um pai que em trevas vae sonhando,  
E apalpa as sombras d'elles onde os viu  
Nascer, florir, morrer!... Desastre infando!

Ao teu abysmo, pai, não vão confortos...  
És coração que a dôr impedreniu,  
Sepulchro vivo de dois filhos mortos.





## IV

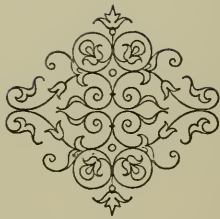
## Luiz — O Bom

Quando El-Rei D. Luiz for acolhido  
Aos penetraes da escura eternidade,  
Será pungente a funeral saudade  
Que mais pondera e chora o bem perdido...

Não houve em seu reinado um só gemido  
De guerra fratricida! A Magestade,  
Passando o sceptro ás mãos da Caridade,  
Baixava ao lar sem pão, do desvalido.

Senhor! deram-te as lettras ledos dias,  
E as intimas, supremas alegrias  
De quem trabalha — Eterna e sancta lei!

Revives na saudade, alma serena!  
Se a patria em que reinaste era pequena,  
Fôras em maior reino um grande rei.



## V

## Làgrimas

Senhora! em vosso rosto macerado  
Transluz da alma afflicta a immensa dôr!  
D'um lado, a morte; do outro, o vosso Amor  
Tremenda lucta ao pé do Esposo amado!

Contaes as pulsações do peito anciado  
Em estos convulsivos do estertor;  
Só podem vossos labios dar calor  
Áquelle corpo inerte, hirto, gelado.

Vós bem vêdes, Senhora, este quebranto  
Que enluta Portugal! Ergue-se o pranto,  
Quando a morte do Paço se avisinha. . .

Pois quanto uma nação póde soffrer  
Não tem o acerbo e intenso padecer  
Das vossas sanctas lagrimas, Rainha!



## VI

## Corôa de espinhos

Das trevas d'alem-mundo o esposo amado,  
Rainha, é Rei comvosco! Inda reinaes,  
Que o vosso throno assenta em pedestaes  
Dos corações que tendes conquistado.

Mas que delicias tem esse reinado?!  
Senhora, alguma vez não invejaes  
Os remançosos dias sempre iguaes,  
D'um doce egoismo calmo e recatado?

Reinar!... reinar chorando a cada hora!  
O vendaval da dôr que ruge fóra  
E a propria dôr!... Chimeras dolorosas!

Ha tanto abysmo em flóridos caminhos...  
O diadema de Christo era de espinhos!...  
Sagradas sois, corôas tormentosas!



## VII

## Velhos problemas sagrados

Pergunta-se á divina Providencia  
Que segredos são estes do Destino ?  
Ha vidas triumphaes : parecem hymno  
Sem nota de penosa intercadencia.

Mimosas em regalos d'opulencia,  
Não soffrem o revez d'um desatino ;  
Se o buscam, acham sempre o Velocino,  
Sem medo que naufrague a consciencia.

Outros vão sobre espinhos arrastados  
Pela mão da Virtude, acorrentados  
Aos preceitos sanctissimos do Eterno !

Quem deu á infamia vida tão folgada ?  
Quem dilacera a honra ? É Deus ou Nada ?  
Responde, Excelso auctor do meu inferno !





## VIII

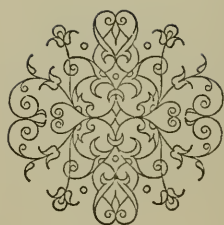
## Rachel

Libavas, borboleta, a flôr da vida  
No parque ameno d'ideaes chimeras.  
Que seja amor, não sabes; mas esperas  
Vencer captiva, e captivar vencida.

Chega a paixão... Retraes-te espavorida!  
Saudade tens das quinze primaveras,  
Em que, menina e moça, amada eras,  
Sempre isenta, risonha e distrahida.

Vence a paixão... E o teu anjo innocente,  
Desligado de ti, mésto e dolente,  
Regressa para o ceo; mas vai chamando-te...

Não foste! És presa á minha desventura!  
Em grande amor te dei grande amargura...  
Fui teu verdugo, mas verdugo amando-te.



## IX

## Alexandre da Conceição

Bem me lembra que o vi, na juventude,  
Rosado pela aurora d'essa idade.  
Eram prismas d'amor e d'amisade  
Os carmes do seu mystico alahude.

Sendo fatal que degenerere e mude  
A crença, o affecto e o bem da mocidade,  
Sangram-lhe o peito espinhos de vaidade,  
Nos arranques da briga azeda e rude.

Mais tarde o encontrei. Já era o homem  
Ralado por desgostos que consomem,  
E põem na face um gesto acre e severo.

Se o seu bondozo riso era apagado,  
Restava-lhe este honroso predicado:  
Prégando o Socialismo, era sincero.



## Paciência

Quem pode conceber que Deus creasse  
Tanta obra perfektissima, esmaltada  
Pelo espaço infinito, e a desgraçada  
Raça humanal de imperfeições manchasse ?

Quem pode conceber o acerbo enlace  
De miserias que esmagam, condemnada  
A criação mais nobre, atormentada  
Desde o berço até ás ancias do trespasse ?

É certo que as desgraças são enormes ;  
Mas tu, Deus abscondito, não dormes,  
Quando eu te invoco a divinal clemencia.

Ao dar-me as penas com que me torturas,  
Um thesouro me déste de venturas :  
Chama-se este thesouro a PACIENCIA.



## XI

## Veterano

Sensíveis corações, ouvi meus brados !  
Nasci lá nas montanhas de Barroso.  
Meu pae foi um pastor libidinoso,  
Que brutalmente fez alguns peccados.

Foi minha mãe pastora de cevados.  
Morreu quando eu nasci; mas tão mimoso  
Que foi meu berço ! um antro penhascoso . . .  
Setenta e quatro annos são passados.

Soldado fui; servi, em Caçadores,  
Dois annos, ambos elles *mais peores* :  
Um era D. Miguel ; o outro, o irmão

Metteram-me tres balas n'este flanco . . .  
Bem me custa, arrastado, andar tão manco  
De porta em porta a mendigar o pão.





## XII

## S'cena trivial

Este homem que me vem pedir esmola,  
Muito bem conheci, galhardamente  
Vibrando o pingalim no dorso ardente  
Dos seus nedios frisões. Fez alta escola.

Quando o fulvo ginete encaracola  
E assesta o seu monoculo insolente  
Nas timidas donzellas, cuida a gente  
Que João Tenorio a virgindade assola!

Que descalabro é esse em que se liga  
Este esqualido velho que mendiga  
Ao dandy esvelto e triumphal que eu vi?!

Inquiro o desabar em tal miseria...  
Responde : «Essa pergunta será séria ?  
«Fui rico, hoje sou pobre...»

Ah ! percebi...



## XIII

## Alcácer Kibir

Verdugo, que esmagaste a India aos pés...  
Eis aqui, Portugal, o que tu foste!  
Repulsivo morphetico d'Aoste...  
Eis aqui, Portugal, o que tu és!

Os Gamas, Albuquerque e Sodrés,  
Alçando a cruz em sanguinoso poste,  
Bradam ser Christo o general da hoste,  
Se os povos sangra o ferro portuguez.

Terrivel vae mostrar-se a Providencia,  
Arrancando das mãos da prepotencia  
A levantina raça acorrentada.

India, escrava gentil, espera um pouco...  
Lá vem sobre Marrocos um rei louco...  
Eis Alcacer-Kibir! estás vingada.



## XIV

## Jorge

Constantemente vejo o filho amado  
Na minha escuridão, onde fulgura  
A extatica pupila da loucura,  
Sinistra luz d'um cerebro queimado.

Nas rugas de seu rosto macerado  
Transpira a cruciantissima tortura  
Que escurentou na pobre alma tão pura  
Talento, aspirações... tudo apagado!

Meu triste filho, passas vagabundo  
Por sobre um grande mar calmo, profundo,  
Sem bussola, sem norte e sem pharol!

Nem goso nem paixão te altera a vida!  
Eu choro sem remedio a luz perdida...  
Bem mais feliz és tu, que vês o sol.



---

---

# HUMORISMOS

---

---





## Crítica do auctor

Estes velhos sonetos não rutilam  
Brilhantes Documentos sociologicos,  
Nem modernos processos biologicos,  
Leis que os vates senis não assimilam.

Abundam lentejoulas que scintillam  
Disfarçando microbios pathologicos,  
Fermentações de vicios physiologicos,  
Basofias anormaes, lesões que opilam.

Escreve alguém : «Quem reina é Sancho Pança.»  
Serodio D. Quixote, jámais podés  
Sanar a podridão que avulta e avança.

Se os preconceitos, velho, não sacodes,  
Se não deixas de ser sempre creança,  
Fazem-te o que ás creanças fez Herodes.



## XVI

## Thomaz Ribeiro

Ao cantor de *D. Jayme* era ousadia  
Dedicar uns inspidos sonetos,  
Bem pallidos, mesquinhos esbocetos  
Dos *Ridiculos* grandes d'hoje em dia.

A ti que illeso passas n'esta orgia,  
Modesto, honrado e amado, que amulêtos  
Te salvam d'estes pantanos infectos  
Em que chafurda a esqualida anarchia ?

Tantas vezes Governo !... E não tens pejo  
De ser pobre, ó Thomaz ?... Isto que vejo  
Me inspira o vaticinio que registro :

Dirão de ti as porvindouras eras :  
«Ministro pobre em Portugal! Chimeras!...  
«Ou viveu farto, ou nunca foi ministro!»



## XVII

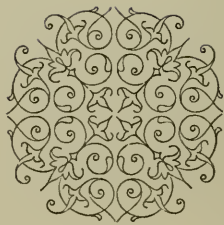
## Remorso

Eu choro quando, ás vezes, me concentro  
A meditar nas horas malogradas,  
Noites de inverno, gélicas, passadas  
Nos Carnavaes rhetoricos do Centro.

Convidam-me a ser socio. Aceito e entro,  
Deixando solitarias, consternadas,  
Tres Marilias que amei! Estaes vingadas!  
Remorsos me excruciam cá por dentro.

Dizia-me um *dynastico-esquerdista* :  
«Prepara-se você para estadista ?  
«Aspira a ser ministro? A escola é esta.»

Pois, senhores, dez mezes decorridos,  
Bom politico, em todos os sentidos,  
Sahi do Centro, mas sahi mais besta.



## XVIII

## Te-Deum laudamus

Vai grande barafunda lá no Empyreo !  
Acaba de chegar um estafeta,  
Que diz ser natural d'este planeta,  
E as noticias que dá causam delirio.

Formou-se logo um luzitano cyrio ;  
E o Marquez de Pombal, lendo a gazeta,  
Fita em Garrett a celebre luneta  
E diz : «Veja, collega, este martyrio !

«O nosso Portugal tornou-se um Congo !...  
«Resam missas Lisboa e mais Vallongo,  
«Por que um feliz descarrillou sem damno.

«Recebo agora officio do governo,  
«Pedindo-me agradeça ao Padre Eterno  
«O favor de salvar o Marianno.»





## XIX

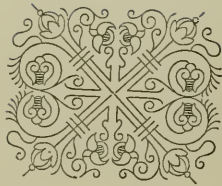
## 7:500 contos

Finou-se em França, ha pouco, um millionario  
Nascido em Portugal. — Honra é dizel-o!  
Sahindo d'um cardenho de Lordello,  
Foi no Brasil doutor e boticario.

Não tem seu nome algum Nobiliario;  
Nãõ foi conde sequer, ou nãõ quiz sel-o,  
Qual outro seu collega, do Restello,  
E outros mais fidalgos d'Hervanario.

Seu nome é conhecido em toda a Europa;  
Que um tal Nababo rara vez se topa  
Com opulencia tal, mais que aziatica!

Tendo quinze milhões, soffria um mal  
Rebelde ao milagroso capital. . .  
Morreu d'uma anazarcha aneurysmatica.



## XX

## Luà de mel

Aquelle teu amigo de Peniche  
Casou, já sabes? Com a «Celidonia»,  
Horisontal, (*hectaira*, em lingua jonia)  
De labio rubro e olho d'azeviche.

Naufragou muitas vezes no beliche  
De notaveis pilotos da Parvonia;  
Vogou desde Monção á Patagonia,  
E, voltando, não topa onde se aniche.

Emfim, com sete filhos engeitados  
E os musculos bastante escanifrados,  
Pilha um palerma que jámais lhe escapa!

São noivos. Vão *fazer a lua* em Cintra.  
Pergunta agora tu ao tal pelintra  
Se a lua foi de mel ou de jalapa.



## XXI

## Messias

Oliveira Martins, por toda a parte,  
Se augura que será novo Pombal!  
Vou dar-lhe uns leves toques d'immortal  
N'um soneto pomposo, primor d'arte!

Prostrada Lusitania, irmã de Marte,  
Emerge d'este podre tremedal!  
Levanta-te, caduco Portugal,  
Que os philtros do Martins vão remoçar-te!

Ouvides estrallar o Terramoto?  
O sangue dos ladrões, continuo moto,  
Já faz nas praças charcos e meandros!

Ministro redemptor, não retrogrades!  
Se Joaquim d'Aguiar foi *mata-frades*,  
Sê tu, bravo Martins, *mata-malandros*.



## XXII

## Portugal contemporâneo

Não se olvidem jámais os casos serios,  
E as epicas façanhas dos Archontes!  
Ó Musa da calumnia, não me contes,  
D'esta luza Calabria altos mysterios.

Fulminavam-se outr'ora os ministerios,  
Porque tinham ladrões; depois, o Fontes,  
Rasgando á patria novos horisontes,  
Exterminou os Verres deleterios.

Sumiram-se os fataes homens sinistros!  
Já não são sacerdotes os ministros  
Do vil bezerro d'ouro, ou da bezerra.

No tocante a ladrões, não ha nenhum;  
Já não se encontram tres, nem dois, nem um...  
No pinhal da Azambuja e na Falperra.





## XXIII

## Lógica de ferro

Nas bemaventuradas regiões,  
Onde existe do mundo o Directorio,  
Não entram almas sem, no Purgatorio,  
Purgarem a peçonha das paixões.

Que são indispensaveis orações,  
Em desconto das culpas, é notorio;  
Dil-o Affonso Maria de Ligorio,  
Confirma-o Frei José dos Corações.

Arguir de fanatismo o Patriarcha  
É sandice ou má fé que excede a marca :  
É não saber do Cathecismo a lei.

Se entendem que o bom Rei já vive em gloria,  
De que serve essa vã Deprecatoria  
De suffragios e missas pelo Rei ?



## XXIV

## Aromas

Meu lindo Portugal, mina de heroes,  
Ser teu filho é bem bom, e até bonito!  
Percorre a gente as ruas sem apito,  
Sobraçando os pacatos guardas-soes.

Matronas de comprados caracoos,  
Que ao ceu não vão de certo com palmito,  
Se, primeiro, parecem de granito,  
De borracha é que são; mas é depois. . .

Ha povos que se nutrem só de flores,  
É Camões quem o diz. Tambem Lisboa.  
Vapora fragrantissimos odôres.

Mas eu não sei dizer-lhes, meus senhores,  
Se os taes cheiros são coisa má ou boa:  
Sei que é d'elles que vivem os auctores.



## XXV

## Lisboà bucolicà

Na lusa Babylonia ha parvoices  
Atavicas, talvez; pois bons auctores  
Carimbam de sandeus os fundadores,  
E chamam parvo ao seu caudilho Ulysses.

Assim começa o rol das taes tolices :  
Famílias vão, nos mezes dos calores,  
Refrigerar no campo os seus ardores,  
E haurir das frescas brisas as meiguices.

Alugam-se uns casebres purulentos,  
Onde os ratos vorazes e macrobios  
Esfarelam a dente os vigamentos.

Mettidas n'esses fetidos cenobios,  
Depois de incalculaveis soffrimentos,  
Voltam do campo cheias de microbios.



## XXVI

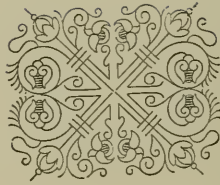
## A outra metade

Quando este corpo meu esfacellado  
Baixar á leiva humida da cova,  
Hão-de os jornaes carpir a infausta nova,  
Taxando-me de sabio consumado.

Estalará na imprensa enorme brado,  
Pedindo a resurgencia d'um Canova,  
Que a morta face em marmore renova  
Para insculpir meu busto laureado.

E algum dos imbecis necrologistas,  
Com soluçantes vozes de saudade,  
Dirá em ricas phrases nunca vistas :

«Esse genio immortal, rei dos artistas,  
«No ceu pede ao Senhor que a *outra metade*  
«Reparta por vossês, ó jornalistas!»





## XXVII

## Comediã humana

Litteratos! chorai me, que eu sou digno  
Da vossa gemebunda e velha tactica!  
Se acaso tendes crimes em grammatica,  
Farei que vos perdôe o Deus benigno.

Demais conheço a proza inflada, emphatica,  
Com que choraes os mortos; e o maligno  
Desaffecto aos que vivem... Não me indigno...  
Sei o que sois em theoria e em practica.

Quando o avô d'esta vã litteratura  
Garrett, era levado á sepultura,  
Viu-se a imprensa verter prantôs sem fim...

Pois seis dos litteratos mais magoados,  
Sahiram, n'essa noite embriagados,  
Da crapulosa tasca do Penim.



## XXVIII

(Recordação dos 9 annos)

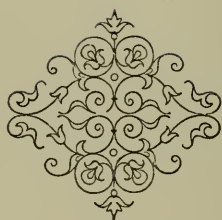
## Ao Visconde d'Ouguellà

Nós aprendemos juntos a grammatica  
Do insigne e facundissimo Lobato.  
O nosso pedagogo intemerato  
Nos *Calafates* fez resurgir Attica.

Afora esta funcção assaz sympathica  
O mestre era guerreiro; e o desbarato  
Que fez nos miguelistas, não relato,  
Que eu da guerra civil detesto a tactica.

Devemos-lhe os segredos do *dativo*  
E os mysterios do occulto *adjectivo*  
E os do *supino*, e mais coisas supinas.

Visconde, é gratidão dizer ao mundo  
Que quem nos deu o litterario fundo  
Foi mestre João Ignacio Luiz Minas.



## XXIX

## Triumphos da eloquência

Se o bruto (*b* pequeno) desalforja,  
Desbragadas injurias nos comicios,  
Contra argentarios, padres e patricios,  
Explue nos olhos crispações de forja.

Esmurra o peito e jura pela gorja,  
Que o Vaticano cai podre de vicios.  
Se pede para os reis forcas, supplicios,  
*Hurrahs* sanguineos vocifera a corja.

Este luso Rigault é petrolista ;  
Na lingua tem navalha de fadista ;  
De resto, faz pagode e rija pandega.

Está compondo agora outro discurso  
Com que espera alcançar, mas sem concurso,  
Ser despachado capataz d'Alfandega !



XXX

## Derrocada

Ao passo que vasqueja e expira a luz  
Do Templo onde, algum dia, celebraram  
O Passos, e o Mousinho e os que arrastaram  
Em terra estranha a esmagadora cruz,

Na imprensa, uns pugilistas, braços nus,  
Uns contra os outros, rábidos, disparam  
Sarcasmos, que ao diabo não lembraram...  
Que linguas, sancto nome de Jesus!

Ó Deus dos seis Affonsos e das Quinas!  
Se um vil desabamento nos destinas,  
Escuta o meu sincero e ardente voto:

Faz pena este acabar quasi indecente...  
Concede-nos morrer mais seriamente:  
Transmitte-nos, Senhor, um terramoto.





## XXXI

## O ultimo romântico

O extravagante Arthur, em Compostella,  
Viu desnalgar-se uma gitana Lola,  
Que tocava pandeiro e castanhola,  
E jurava que nunca foi donzella.

Chamava-lhe *Esmeralda*, ou *Graziela*  
O romantico Arthur da velha escola ;  
Mas tanto na paixão carnal se atola,  
Que os bens que tinha dissipou com ella.

Assim que empobreceu, Lola safou-se ;  
E Arthur a pouco e pouco definhou-se  
Até se evaporar sem ter vintem,

A ti, que foste o ultimo romantico,  
Dedico o meu, talvez, ultimo cantico...  
E adeus ! Se estás no ceu, porta-te bem.



---

---

EPILOGO

---

---



## XXXII

## Epilogo

Paroxismos da luz! tristes cantares!  
Sahis da treva, em treva esqueceréis!  
Romanticos leitores não choreis;  
Poupai-vos para os vossos máos azares.

Se navegaes por bonançosos mares,  
De subito, no azul do ceu vereis  
A nuvem que se rompe nos parceis  
De imprevistas borrascas de pezares.

Disse Henry Heine, o cego: «Não lastimem  
«As lancinantes magoas que me opprimem. . .  
«Espere cada qual chorar por fim.»

E eu, que tanto carpi os condemnados,  
Os cegos— os supremos desgraçados!—  
Já lagrimas não tenho para mim!



# INDICE



	Pag.
Nota Illustrativa.....	7
O Conde de S. Salvador de Mattosinhos.....	21
Visconde de Benalcanfor.....	23
A maior dor humana.....	25
Luiz—O Bom .....	27
Lagrimas.....	29
Corôa de espinhos.....	31
Velhos problemas sagrados.....	33
Rachel .....	35
Alexandre da Conceição.....	37
Paciencia .....	39
Veterano.....	41
Scena trivial.....	43
Alcacer Kibir.....	45
Jorge.....	47
Critica do auctor.....	51
Thomaz Ribeiro.....	53
Remorso.....	55
Te-Deum laudamus .....	57

7:500 contos.....	59
Lua de mel.....	61
Messias.....	63
Portugal Contemporaneo.....	65
Logica de ferro.....	67
Aromas.....	69
Lisboa bucolica.....	71
A outra metade.....	73
Comedia humana.....	75
Ao Visconde d'Ouguella.....	77
Triumphos da eloquencia.....	79
Derrocada.....	81
O ultimo romantico.....	83
Epilogo.....	87

















PQ  
9261  
C3N3

Castello Branco, Camillo  
Nas trevas

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---





UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 10 05 01 05 015 0